

EXTRA-CLASSE

Curiosidades do curso de Veterinária em livro

Uma leitura agradável e descontraída é a proposta do livro *Pérolas da Veterinária e Adjacências*. Com um conteúdo recheado de histórias engraçadas e peculiares, a obra é resultado de 42 anos de existência do curso. Situações bizarras ou curiosas ocorridas em sala de aula, no hospital de Clínicas Veterinárias, excursões, reuniões de alunos, professores e funcionários são a essência do livro.

Um dos autores, professor Eduardo Furtado Flores, diz que alimentava o sonho de por no papel os bastidores do curso desde a época em que fazia a graduação e, que esse anseio cresceu com a passagem pela pós-graduação e os anos de docência. Para recuperar tantos anos de história, Flores recorreu à memória e a colegas da área e deu vida a muitos episódios, por vezes, inacreditáveis. Mas ele garante: todas as histórias contadas no livro são reais na sua essência. “Nenhuma dessas histórias foi inventada, mas logicamente existem rodeios e enfeites. O fato ocorreu, os detalhes é que podem variar dependendo de quem contou”, salienta o professor.

Com uma tiragem de 400 exemplares nesta primeira edição, um segundo livro já está sendo pensado, pois muitas histórias surgiram depois que a obra foi concluída. Flores têm em mãos cerca de 20 histórias que não estão no livro e que podem fazer parte de uma segunda publicação. “Espero que esse (livro) seja o primeiro de muitos. As minhas histórias estão esgotadas, mas as dos colegas estão sempre chegando. Se houver um número razoável de novas histórias a tendência é que surja outro livro em um prazo de dois anos”, argumenta.

Pérolas da Veterinária e Adjacências levou um ano e meio para ser concluído. A primeira história foi escrita em março de 2003. Porém, como o professor gosta



Eduardo Flores: situações curiosas e bizarras narradas em livro

de ressaltar, a obra foi escrita a quatro mãos. Isso porque a jornalista Sâmia Garcia fez várias entrevistas para recuperar histórias mais remotas. “O livro foi um exercício diferente e interessante. Pude fugir um pouco da seriedade, pois até então só tinha escrito artigos acadêmicos e reportagens para jornais”, relata Sâmia.

CUSTOS- Depois de dar um fecho ao conteúdo, o trabalho começou atrás de patrocínio, a parte mais difícil segundo Flores: “As empresas do setor rural costumam patrocinar obras técnicas. Uma parte da verba foi conseguida através dessas empresas, mas não conseguimos cobrir todos os custos, tivemos que tirar do próprio bolso”.

Além das dificuldades com patrocínio, o autor revela que encontrou obstáculos dentro da própria universidade, que possui uma editora. “A universidade se preocupa muito com a parte for-

mal, que engloba ensino, pesquisa e extensão e muitas vezes esquece que aqui dentro tem grande parte da vida das pessoas. São alunos, professores e funcionários que passam muitos anos de sua existência dentro da instituição. Resgato nesse livro de um modo bem-humorado, parte da vida desses indivíduos que convivem dentro da universidade, que no meu entendimento são tão importantes quanto a parte formal”, desabafa.

Quando questionado sobre sua história preferida, o professor desconversa, mas logo revela que tem bastante simpatia pelas peripécias do Alegrete. Um colega vindo da fronteira e com hábitos extremamente regionais. Uma das tantas situações cômicas envolvendo esse personagem está reproduzida nesta matéria. O livro pode ser encontrado na Cesma por R\$ 22,00 e no prédio 20, Setor de Virologia ao custo de R\$ 20,00.

O Alegrete

O Alegrete não era mais grosso por absoluta falta de espaço. Grosso no bom sentido. (...) Logo que veio estudar em Santa Maria, ele foi morar com um conterrâneo. Além disso, faziam cursinho pré-vestibular juntos. E parte dessas histórias quem contou foi esse colega:

Terminado o ano de 1976, veio o vestibular. O Alegrete entrou na Veterinária e o amigo no Curso de Farmácia. Com isso, separaram-se. No curso e em casa. O amigo fora morar com sua mãe que recém viera residir em Santa Maria.

E o Alegrete ficou meio órfão.

Todos os sábados pela manhã, ele dava uma caminhada pelo calçadão com cuia e térmica embaixo do braço. Depois aproveitava para matear e conversar na casa do amigo. E isso começou a se repetir.

Percebendo o seu apego, num certo sábado, dona Maria, mãe do amigo de Alegrete fez este convite:

- Meu filho. No sábado que vem, aparece para tomar um mate e fica para almoçar com a gente.

Combinado. No sábado seguinte, perto das onze da manhã, a campanha tocou. Era o Alegrete e trazia um pacotinho, como que embrulhado para presente.

Mas a dona Maria e o filho ficaram intrigados com o tal pacote. Ela chegou a pensar que ele havia lhe trazido um presentinho.

Após o almoço e sobremesa, ainda palitando os dentes, o Alegrete perguntou:

- Dona Maria. Será que a senhora poderia arrumar uma cama para eu deitar um pouco? A senhora bem sabe, no Alegrete a gente tem o hábito de se sentar após o almoço.

- Eu até trouxe o pijama.

FOTOS: ANA PAULA NOGUEIRA

CULTURA
NA SEDUFSM



Sessão cultural

O Sindicato Docente, através da Assessoria de Relações Públicas, está organizado o espaço “Cultura na SEDUFSM.” O momento cultural foi idealizado pelas estagiárias de Relações Públicas Daiana Stasiak e Ana Cássia Pandolfo Flores, com o apoio também da estagiária Vilma Ochoa, e a supervisão da professora de Relações Públicas do curso de Comunicação Social, Elisa Lubeck. O primeiro evento foi marcado para dia 30 de maio, às 18h30min, no Auditório da SEDUFSM, com a exibição do filme “A classe operária vai ao paraíso”, do italiano Elio Petri. O professor do curso de História da UFSM e diretor da SEDUFSM, Diorge Konrad, é o comentarista do conteúdo da película. O “Cultura na SEDUFSM” prevê ainda para o dia 6 de junho, em mesmo horário e local, um debate sobre a situação do “Meio Ambiente.”